

NOVO TESTAMENTO

Em nome de quem? A controvérsia sobre cura em Mateus 12,22-32

In Whose name?

The controversy about healing in Matthew 12,22-32

¿En nombre de quiénes?

La controversia sobre la curación en Mateo 12,22-32

Marcelo da Silva Carneiro*

RESUMO

O presente artigo é uma análise exegética de Mateus 12,22-32, que trata da controvérsia do poder de Jesus para curar, em que ele teria feito curas pelo poder de Belzebu, e não de Deus. O objetivo deste trabalho é analisar a controvérsia entre a comunidade de Mateus e seus acusadores sobre a autoridade de Jesus e da igreja para curar e expulsar demônios das pessoas. Além disso, iremos investigar o sentido que estas possessões tinham para a comunidade e como podem ser interpretadas hoje. Para isso faremos uso de diversas ferramentas exegéticas, algumas do método histórico-crítico, porém sob uma abordagem sócio-política. Ao fim do artigo veremos que esse texto tinha um importante papel para manter as comunidades firmes na crença de que Jesus é o Cristo de Deus, cujas curas e exorcismos tinham papel terapêutico que ainda pode ser reconhecido hoje, mediante o contexto sócio-político de opressão sob o qual os pobres viviam no império romano.

Palavras-chave: Evangelho de Mateus; Jesus Terapeuta; Belzebu; Possessão Demoníaca; Espírito Santo.

ABSTRACT

The present article it's an exegetical analysis of Matthew 12,22-32, whose theme is the controversy about the power of Jesus for healing, in that he would have done healings by the Beelzebub's power and not from God. The aim of this study is to analyze the controversy between the community of Matthew and their accusers, about the authority of Jesus and the Church for healing and casting out demons from people. In addition, we will investigate the sense that this demonic possession had for the community and how we can interpret them today. To this we will use many exegetical tools, some from Historical-Critical Method, just under a social-political approaching. In the end of this article, we will see that this text had an important role in the communities, for bring them together in the belief that Jesus is Christ of God, whose healings and exorcisms had a therapeutic role, that yet today is important, by the Social-Political context of oppression under which the poor lived in the Roman Empire.

Keywords: Gospel of Matthew; Jesus Therapist; Beelzebub; Demonic Possession; Holy Spirit.

*Doutor em Ciências da Religião pela UESP; mestre em Teologia pela PUC-Rio; bacharel em Teologia pela UNIBENNETT-RJ; pesquisador no Grupo Oracula - Estudos de Apocalíptica, Misticismo e Fenômenos Visionários no PPGCR-UMESP; professor de Novo Testamento da FATIPI, membro da SBL, associado da ABIB. E-mail: <pastor.carneiro@gmail.com>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4439-6708>.

RESUMEN

El presente artículo es un análisis exegético de Mateo 12,22-32, que cubre la controversia do poder de Jesús para curar, em que el hacía feito sanaciones por el poder de Belcebú, y non de Dios. El objetivo dese trabajo es analizar la controversia entre la comunidad de Mateo y sus acusadores sobre la autoridad de Jesús e de la Iglesia para sanar y expulsar a demonios de las personas. Además, iremos investigar el sentido que estas posesiones había para la comunidad y como poden ser interpretado hoy. Para eso haremos uso de diversas herramientas exegéticas, algunas del método histórico-crítico, sin embargo, bajo un enfoque sociopolítico. Al final del artículo veremos que ese texto tuvo un papel importante para mantener las comunidades firmes en la creencia de que Jesús es el Cristo de Dios, cuyas sanaciones y exorcismos había papel terapéutico que aún hoy se puede reconocer, por lo contexto sociopolítico de opresión en que vivían los pobres en el Imperio Romano.

Palabras clave: Evangelio de Mateo; Jesús Terapeuta; Belcebú; Posesión Démoniaca; Espíritu Santo.

Introdução

O texto de Mateus 12,22-32 conta uma elaborada narrativa de controvérsia entre Jesus e os fariseus que tem uma cura como “gatilho” da situação. Na verdade, até mesmo a controvérsia é um pretexto para um longo discurso de Jesus, presente em todos os sinóticos, em que ele defende sua autoridade – e de certa forma a dos discípulos também. Neste artigo faremos uma análise exegética a partir de passos histórico-críticos, tendo em mente as seguintes questões: Qual o papel desta narrativa no Evangelho de Mateus? Que significado essa narrativa tinha para a comunidade mateana, considerando a acusação de Jesus ter o poder de Belzebu, no ato de exorcismos e curas? O que significa o pecado contra o Espírito Santo, contra o qual não há perdão? Além disso, o que representa as possessões demoníacas e enfermidades, pensando numa perspectiva científica atual?

Para isso, dividimos a análise nas seguintes partes: 1) a tradução do texto e a análise textual; 2) a análise literária, dentro da qual veremos aspectos redacionais e de estilo; 3) a análise de intertextualidade do texto de Mateus, principalmente com relação aos sinóticos; 4) uma análise histórico-social, que nos permitirá ter o texto dentro do panorama histórico da comunidade de Mateus; e 5) os aspectos semânticos que nos interessam para responder às questões levantadas.

1 O texto de Mt 12,22-32¹

²²Então foi trazido a ele um endemoninhado cego e mudo; e curou-o, a ponto do mudo falar e ver. ²³E todas as multidões se admiravam e diziam: Não é este o Filho de Davi? ²⁴Mas os fariseus, ouvindo isto, disseram: Ele não expulsa os demônios senão por Belzebu, chefe dos demônios. ²⁵Porém, conhecendo os seus pensamentos, [Jesus] lhes disse:

Todo reino dividido contra si mesmo fica deserto; e nenhuma cidade ou casa, dividida contra si mesma, resistirá. ²⁶E, se Satanás expulsa a Satanás, foi dividido contra si mesmo; como subsistirá, pois, o seu reino? ²⁷E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam então vossos adeptos? Por isso eles serão os vossos juízes. ²⁸Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, então chegou sobre vós o reino de Deus. ²⁹Ou, como pode alguém entrar na casa do homem forte, e roubar os seus bens, se primeiro não o amarrar? Só então saqueará a sua casa. ³⁰Quem não está comigo está contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha.

¹ Tradução própria, a partir do *Novo Testamento Interlinear*.

³¹Por isso, eu vos digo: Todo o pecado e blasfêmia se perdoará às pessoas; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. ³²E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do homem, será perdoado; mas quem falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem nesta era nem na futura.

Análise textual

De acordo com o *Novo Testamento Grego*, quarta edição revisada, o nome de Jesus é omitido no versículo 25 nos pergaminhos mais antigos, apesar da presença do nome dele estar na maior parte dos demais manuscritos. Isso levou a variante a ser classificada com a letra {C}, quando há dúvidas razoáveis sobre a forma original do texto. Segundo Omanson, “era até natural que copistas acrescentassem, pensando que isso era necessário para deixar o texto mais claro. Porém, se o nome tivesse estado originalmente no texto, ninguém teria, de propósito, optado por sua omissão” (OMANSON, 2010, p. 18).

Considerando a tendência das traduções brasileiras de inserir o nome de Jesus, seguindo a maior parte dos manuscritos, inserimos o nome de Jesus entre colchetes. Entretanto, fica essa dúvida sobre a ausência do nome de Jesus nos manuscritos mais antigos. Voltaremos ao tema adiante.

2 Aspectos literários

O gênero literário *evangelho* nasceu culturalmente dentro do mundo helenístico e semítico. Podemos perceber isto de forma especial em Mateus, um dos evangelhos mais judaicos, junto com Marcos (cf. CARNEIRO, 2016), mas que possui um grego mais correto do que do evangelho mais antigo, e que, diferente do que se acreditava em outras épocas, não é uma mera tradução de um original aramaico ou hebraico, embora utilize procedimentos estilísticos semíticos. A partir da leitura de Mateus podemos perceber que ele tem um *estilo vital*. Por estilo “vital” entendemos o conjunto das características gerais que assinalam a linguagem e o comportamento de Jesus, as características que formam justamente o “estilo” próprio do evangelista. Isso denota uma riqueza na percepção do ensino de Jesus aliado às memórias do mestre e seu impacto na comunidade. Cada narrativa mateana é cuidadosamente inserida numa trama maior, alternada por blocos de ensino que são abertos pelo Sermão do Monte.

Esse estilo adotado pelo autor do Evangelho de Mateus é muito apropriado para a instrução. A intenção doutrinária faz com que o livro se interesse mais pelo ensinamento que contém para a vida de sua comunidade do que pelo fato milagroso em si mesmo, como no caso do texto em questão, em que o milagre da cura é apenas o pretexto para a controvérsia. Diversos autores apresentam a forma do livro em cinco discursos e seis seções narrativas como uma estrutura proposital, que dá ao evangelho o caráter de uma nova Torá (KOESTER, 2005, v. 2, p. 189) ou no mínimo uma coleção concisa de discursos didáticos com o “teor exato dos ensinamentos do Senhor, a fim de gravar em cada membro da comunidade do Senhor os novos princípios da nova vida” (RIENECKER, 1998, p. 25). Essa estrutura mostra uma sofisticada elaboração escrita a partir de estruturais mentais judaicas, como o quiasmo.

Na perspectiva da tradição dos evangelhos, podemos afirmar que Mateus é uma releitura de Marcos, a partir de tradições apropriadas pela comunidade mateana, num contexto de polêmica com grupos judaicos após a destruição do templo em 70 EC, quando o judaísmo

está se redefinindo (como veremos à frente). O uso de tradições comuns a Lucas, apelidadas de “Fonte Q” pela pesquisa crítica, além de materiais próprios, muitos dos quais podem ter sido elaborados pela própria comunidade, mostra que o evangelho de Mateus tem, ao mesmo tempo, liberdade e rigor com a Tradição de Jesus (CARNEIRO, 2016, p.271-274).

Do ponto de vista teológico, Mateus é uma obra de síntese e ampliação. O projeto narrativo de Marcos centralizava-se na revelação de Jesus como Filho de Deus pela cruz, enquanto os materiais denominados Fonte Q oferecem uma coleção de ditos e uma ênfase escatológica, apresentando Jesus na função de juiz futuro como Filho do Homem. A síntese mateana apresenta, além desses aspectos, algumas afirmações judaicas e legalistas, junto com outras de caráter universalista e críticas em relação à lei. Ao fazer isso, Mateus também amplia a visão apresentada por Marcos, justamente com os blocos de ensino. Por isso, no Evangelho de Mateus, Jesus é o novo Moisés, que inaugura uma nova Torá, para um novo Israel (CARNEIRO, 2016, p.275).

2.1 O lugar redacional da perícopes em Mateus

Em Mateus, a narrativa em análise está em um bloco que enfoca a controvérsia entre Jesus e os fariseus. Neste caso específico, o conflito se dá pelo fato deles rejeitarem a autoridade de Jesus, que chega a ser acusado de realizar curas pelo poder de Belzebu. No contexto imediato, a perícopes é precedida pela explanação do autor quanto ao fundamento do ministério de Jesus, como servo de Deus (Mt 12,15-21), e sucedida pelo ensino de Jesus sobre a situação da pessoa diante de suas palavras (Mt 12,33-37).

No contexto maior, a perícopes que estamos estudando pode ser compreendida no bloco narrativo que compreende os capítulos 11 e 12, no qual Jesus prossegue seu ministério após designar seus discípulos imediatos, que são enviados por Jesus para continuarem sua obra (Capítulo 10). No bloco narrativo de 11 e 12 o evangelista mostra as diversas respostas a esse ministério. Aqui é mostrada a dupla reação que Jesus e os discípulos encontram, que são inseparáveis, formando uma lógica de aceitação/rejeição com a qual a comunidade devia estar lidando nos anos 80 do século 1 EC. Juan Mateos e Fernando Camacho entendem que este trecho está numa seção cujo tema é a “oposição dos dirigentes e incompreensão do povo (11,2-13,58)” (1993, p. 11), o que definiria os atores do processo de aceitação e rejeição.

O discurso da missão no capítulo 10 na trama narrativa torna-se então uma espécie de abertura para este novo bloco, em que Jesus antecipa os problemas que ele e os discípulos irão enfrentar na caminhada. Mateus apresenta os discípulos em paralelo e como continuadores de Jesus. A narrativa do bloco tem como ponto de partida a pergunta dos enviados de João Batista (11,2-3). As palavras de Jesus são muito notáveis pelo seu teor literal e pelo lugar onde são colocadas: “Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo”.

No transcórre dos capítulos 11 e 12 aparecem diversas reações, suscitadas pelo ministério de Jesus e dos discípulos. A oposição que se insinuava já no capítulo 9, em que os fariseus criticam Jesus por comer com pecadores e publicanos (9,11) é aqui muito explícita. Jesus se queixa da atitude das cidades nas quais desenvolveu seu ministério e lamenta largamente em torno “dessa geração” (11,20-24).

Do ponto de vista narrativo, o fio condutor desses blocos é a figura de Jesus. O conflito se processa de maneira nova em seu caminho. Aqui ele é o mestre que demonstra poder para curar e fazer milagres, o que acarretará em diferentes reações frente ao seu ministério.

2.2 A forma do texto

O texto faz parte de um conjunto de relatos de controvérsia, em que há uma polêmica contra os fariseus, conforme a classificação de Bultmann (WEGNER, 2012, p. 186). Com essa narrativa, o texto aponta para a problemática da autoridade de Jesus vista por outros grupos, no caso os fariseus.

De acordo com as pesquisas de Geza Vermes, esse texto seria um relato de um dito autêntico de Jesus, uma discussão sobre a possessão demoníaca, levada a efeito pelos opositores de Jesus. Segundo ele, “a história ilustra a ação carismática de um homem santo às vésperas do estabelecimento do Reino de Deus, o qual, cria-se, coincidiria com o colapso do reino de Belzebu.” (VERMES, 2006, p. 74). Ainda assim, o registro desta controvérsia pode estar ligado a acusações contra a autoridade da igreja em anunciar Jesus, afirmando que na verdade este seria dotado do poder de Belzebu. Logo, toda a comunidade seria parte dessa farsa.

Retomando a discussão textual sobre os manuscritos que não trazem o nome de Jesus na perícopes, pode ser que haja aqui um indício importante sobre o uso desse texto na comunidade: por respeito a Jesus, as comunidades omitiram o seu nome, pois tal acusação devia ser extremamente ofensiva para eles, se pensarmos que todos criam na atividade demoníaca e mais, atuavam em exorcismos, combatendo justamente os demônios que oprimiam as pessoas.

O texto pode ter como pano de fundo no Jesus histórico, porém é adotado na comunidade como uma narrativa tipológica², na qual Jesus representa a comunidade e os fariseus, as vozes dissonantes e acusadoras (CARNEIRO, 2016, p. 220). Na verdade, pode-se considerar que essa estratégia literária foi utilizada largamente pelos evangelistas canônicos (senão também os apócrifos, em outras perspectivas). De acordo com a tese desenvolvida em torno do episódio das espigas colhidas pelos discípulos (Mc 2,23-28 e paralelos) pode-se considerar que “esse retrato negativo dos fariseus, acima de outros grupos antagônicos, como os saduceus e os herodianos, reflete o típico discurso sobre o *outro* que faz parte da formação da identidade do grupo” (CARNEIRO, 2016, p. 223). Esse recurso tem por principal objetivo marcar as características positivas do grupo de Jesus (na verdade das comunidades cristãs por trás dos textos), contrapondo às marcas negativas dos opositores. No fundo da questão, está a disputa pela audiência. Voltaremos a esse aspecto na análise histórico-social.

3 Intertextualidades e interdiscursividades: análise sinótica

Os textos dos evangelhos demonstram uma farta circularidade de ideias e textos no Cristianismo Primitivo, tanto com a tradição judaica quanto com a recém iniciada tradição das comunidades de Jesus na Palestina, Síria e arredores. Por isso, é importante analisar a perícopes de Mateus em conjunto com os demais sinóticos, para perceber semelhanças e principalmente as diferenças que indicam o particular de Mateus. Na organização do texto, as partes exclusivas de Mateus estão em negrito, enquanto as partes que apenas Mateus e Lucas têm em comum estão sublinhadas, facilitando a visualização comparativa.

² Trabalhamos aqui com o conceito de tipologia identitária, desenvolvida por Samuel Byrskog (2006) e aplicada na pesquisa a respeito dos sinóticos, que resultou na tese de doutorado.

Mateus 12	Marcos 3,22-29	Lucas 11,14-23; 12,10
<u>22</u> Trouxeram-lhe, então, um endemoninhado cego e mudo; e, de tal modo o curou, que o cego e mudo falava e via.		<u>14</u> E estava ele expulsando um demônio, o qual era mudo. E aconteceu que, saindo o demônio, o mudo falou; e maravilhou-se a multidão.
23 E toda a multidão se admirava e dizia: Não é este o Filho de Davi?		
<u>24</u> Mas os fariseus, ouvindo isto, diziam: Este não expulsa os demônios senão por Belzebu, príncipe dos demônios.	<u>22</u> E os escribas, que tinham descido de Jerusalém, diziam: Tem Belzebu, e pelo príncipe dos demônios expulsa os demônios.	<u>15</u> Mas alguns deles diziam: Ele expulsa os demônios por Belzebu, príncipe dos demônios.
		<u>16</u> E outros, tentando-o, pediam-lhe um sinal do céu.
	<u>23</u> E, chamando-os a si, disse-lhes por parábolas: Como pode Satanás expulsar Satanás?	
<u>25</u> (Jesus), porém, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes: Todo o reino dividido contra si mesmo é devastado; e toda a cidade, ou casa, dividida contra si mesma não subsistirá.	<u>24</u> E, se um reino se dividir contra si mesmo, tal reino não pode subsistir; <u>25</u> E, se uma casa se dividir contra si mesma, tal casa não pode subsistir.	<u>17</u> Mas, conhecendo ele os seus pensamentos, disse-lhes: Todo o reino, dividido contra si mesmo, será assolado; e a casa, dividida contra si mesma, cairá.
<u>26</u> E, se Satanás expulsa a Satanás, está dividido contra si mesmo; como subsistirá, pois, o seu reino?	<u>26</u> E, se Satanás se levantar contra si mesmo, e for dividido, não pode subsistir; antes tem fim.	<u>18</u> E, se também Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Pois dizeis que eu expulso os demônios por Belzebu.
<u>27</u> E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam então vossos filhos? Portanto, eles mesmos serão os vossos juízes.		<u>19</u> E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Eles, pois, serão os vossos juízes.
<u>28</u> Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, logo é chegado a vós o reino de Deus.		<u>20</u> Mas, se eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente a vós é chegado o reino de Deus.
<u>29</u> Ou, como pode alguém entrar em casa do homem valente, e furtar os seus bens, se primeiro não manietar o valente, saqueando então a sua casa?	<u>27</u> Ninguém pode roubar os bens do valente, entrando-lhe em sua casa, se primeiro não manietar o valente; e então roubará a sua casa.	<u>21</u> Quando o valente guarda, armado, a sua casa, em segurança está tudo quanto tem;
		<u>22</u> Mas, sobrevindo outro mais valente do que ele, e vencendo-o, tira-lhe toda a sua armadura em que confiava, e reparte os seus despojos.
<u>30</u> Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha.		<u>23</u> Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha.

Mateus 12	Marcos 3,22-29	Lucas 11,14-23; 12,10
		²⁴ Quando o espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares secos, buscando repouso; e, não o achando, diz: Tornarei para minha casa, de onde sai.
		²⁵ E, chegando, acha-a varrida e adornada.
		²⁶ Então vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entrando, habitam ali; e o último estado desse homem é pior do que o primeiro.
³¹ Portanto, eu vos digo: Todo o pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens.	²⁸ Na verdade vos digo que todos os pecados serão perdoados aos filhos dos homens, e toda a sorte de blasfêmias, com que blasfemarem;	
³² <u>E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado;</u>		^{12.10} <u>E a todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do homem ser-lhe-á perdoada.</u>
mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro.	²⁹ Qualquer, porém, que blasfemar contra o Espírito Santo, nunca obterá perdão, mas será réu do eterno juízo.	mas ao que blasfemar contra o Espírito Santo não lhe será perdoado.
	³⁰ (Porque diziam: Tem espírito imundo).	

Percebe-se na comparação que os três textos são semelhantes, mas Marcos tem uma forma mais curta e primitiva, enquanto Mateus e Lucas mostram uma forma ampliada e mais semelhante entre eles. Ainda assim, cada evangelista tem sua peculiaridade, o que indica não haver uma real dependência literária e sim uma memória comum que é trabalhada a partir de um núcleo histórico em Jesus, mas adaptada a cada realidade e interesse. Marcos enfoca o episódio como sendo um ataque dos escribas de Jerusalém, após a tentativa da família de Jesus de prendê-lo. Mateus coloca o problema na ordem das acusações dos fariseus, enquanto Lucas coloca a mesma fala vindo de dentro da multidão, sem um sujeito específico. Mateus e Lucas introduzem uma cura antes da controvérsia, apenas como moldura para iniciar o debate. A cura em si não é o foco do texto, como ocorre em outras ocasiões.

Os três usam uma parábola, sobre como derrotar o valente, para ilustrar o contraditório da acusação. Mas só Mateus e Lucas evidenciam que os discípulos daqueles que os acusam serão os juizes deles, dando à situação um caráter de confronto aberto entre os grupos.

Ao fim da parábola, tanto Mateus quanto Lucas inserem um dito sobre ajuntar e espalhar, que deve se originar nas tradições comuns aos dois, denominada na pesquisa como Fonte Q. Depois Mateus e Marcos passam a discorrer sobre o pecado contra o Espírito Santo, que Lucas deslocou para outro momento da narrativa dele (em Lc 12.10). Essas elaborações próprias marcam a liberdade que cada comunidade por trás dos evangelhos tinha de trabalhar com a Tradição de Jesus (CARNEIRO, 2016, p. 55-60), ou seja, as memórias que circulavam

pela tradição oral e que, aos poucos, foram registradas, até se tornarem os textos que nós conhecemos. Nas três fica marcada a ausência do nome de Jesus (já tratada acima), o que demonstra ser um assunto espinhoso para as comunidades cristãs primitivas. No caso de Marcos, inclusive, o texto anterior fala da tentativa da família de Jesus de prendê-lo, história que os demais evangelistas simplesmente ignoraram, tal a gravidade da situação apresentada (ou porque no momento em que foram escritos essa situação já tinha sido superada). Seja como for, podemos pensar que essa narrativa tinha um fundo histórico bastante considerável.

4 Contexto Histórico-social de Mateus

Já foi comentado superficialmente sobre as condições nas quais surgiram o Evangelho de Mateus, mas consideramos importante delimitar melhor o significado dos fariseus neste evangelho. Segundo a pesquisa de Andrew Overman (1997), Anthony Saldarini (2000) e Paulo Roberto Garcia (2010) fica evidenciado que o Evangelho de Mateus tem como pano de fundo uma crise com o judaísmo pós-templo do fim do século 1 EC. Neste período os fariseus parecem ter se destacado como o grupo dominante na interpretação da Torá sem o Templo.

O significado desta situação não pode ser simplificada. No ano 70, quando Tito entrou em Jerusalém e os soldados dele destruíram o templo, conforme relata Josefo, ocasionou uma mudança radical no mundo judaico. Até ali o judaísmo estava totalmente interligado ao templo e sua estrutura sacerdotal, ainda que o cenário maior fosse claramente plural, a ponto de autores como Jacob Neusner (1983) falar em judaísmos e não num judaísmo monolítico. A partir de 70 EC, porém, cresce um movimento em torno da Torá, denominado por Neusner de judaísmo formativo, com o qual os fariseus parecem ter estreita relação (NEUSNER, 1983).

De acordo com alguns indícios, os fariseus estavam presentes no grupo judaico da Jâmnia (Jabne) onde, como comenta Overman (1997) houve o concílio, por volta do ano 90, que definiu aspectos importantes do judaísmo, como “ter estabelecido os rabinos como o corpo autorizado e de ter marcado o surgimento do judaísmo rabínico como a forma normativa do judaísmo” (OVERMAN, 1997, p. 48). Mesmo assim, Koester comenta que essa normatização não foi simples nem rápida, devido às diversas tendências dos rabinos da época (Vol. I, 2005, p. 405).

Nesse ambiente plural e complexo encontramos a comunidade de Mateus, que não se colocava à parte do judaísmo, mas dentro dele. Como afirma Overman:

A comunidade de Mateus, como o judaísmo formativo, era um movimento novo. As crenças e procedimentos que cada movimento possuía foram, com o tempo, apresentados como estabelecidos e tradicionais [...] ... o judaísmo formativo apresentava suas tradições e procedimentos como originados na *paradosis* dos antepassados. De maneira similar, Mateus tenta tradicionalizar as crenças de sua comunidade em relação à vida e ao ministério de Jesus: dar uma autoridade e legitimidade à figura de Jesus e à crença da comunidade nele, que, de outra forma, ela não poderia possuir (OVERMAN, 1997, p. 80).

Podemos afirmar que os fariseus de Mateus representam o judaísmo palestinese, “mais radical e observante da Torá” (CARNEIRO, 2011, p. 54). Fato é que a própria comunidade mateana transparece uma observância radical da Lei, demonstrada no conhecido Sermão do Monte, registrado nos capítulos 5 a 7 de Mateus, tendo Jesus como pleno intérprete e mestre.

Esse pode ter sido o grande elemento de conflito: não são grupos distintos, com perspectivas opostas, pelo contrário, são grupos similares em vários aspectos, inclusive nas crenças. O maior ponto de afastamento e diferença, sem dúvida, está na própria figura de Jesus de Nazaré, considerado messias pela comunidade mateana.

Neste contexto de debate sobre a verdadeira forma de seguir a Torá, buscando mestres de referência, entende-se a importância do texto que estamos analisando. O texto, então, pode refletir muito mais a luta da comunidade mateana com os opositores farisaicos do que “apenas” uma memória sobre a oposição que Jesus sofreu. Na verdade, essa oposição continuava nas acusações que ainda ressoavam contra o ministério de Jesus, e porque não pensar, também da comunidade que o seguia, já declarada por Mateus como igreja [*ekklesia*] (Mt 16,18; 18,17). O que o evangelho faz nesta situação é indicar fronteiras, definir marcos, fortalecer a identidade interna da comunidade e suas crenças, para assim restabelecer sua autoridade interna e externa.

5 Análise semântico-teológica do conteúdo

Considerando todos os aspectos anteriores, chegou o momento de analisarmos alguns aspectos mais pontuais que nos ajudarão a responder as questões propostas ao texto.

4.1 *Ele não expulsa os demônios senão por Belzebu, chefe dos demônios.*

O uso do nome desta entidade pelos fariseus faz parte de uma mentalidade popular da época com respeito aos demônios. Originalmente *Baal* [senhor] *zebub* [do esterco ou das moscas], era uma divindade filistéia. É citado em 2Rs 1,2, como divindade de Ekrom. Na época de Jesus era considerado o príncipe dos demônios. Tudo indica que, como a divindade era ligada a sacrifícios considerados imundos (esterco), por esse motivo tenha se tornado o “maioral dos demônios”, numa lógica do quanto pior, maior é.

É possível, então, identificar Belzebu com Satanás, pois esse também é mostrado no Novo Testamento como maioral dos demônios, que tentou Jesus (Mt 4,1-11). As narrações não explicam claramente quem é o diabo. Aparentemente, a audiência de Mateus “conhece várias tradições que identificam poderes e forças sobre-humanas (anjos e demônios de vários nomes) que atingem instituições, estruturas, nações e indivíduos e resistem aos propósitos de Deus” (CARTER, 2003, p. 148). A literatura judaica conhece esse universo, pois os apócrifos mostram que os demônios são conduzidos por Belzebu (Testamento de Salomão 3,6) (CARTER, 2003, p. 148).

Essa apresentação de forças em combate mostra o clima de hostilidade e pressão sobre Jesus e os discípulos em meio ao domínio romano na região, identificada depois como a Besta (cf. Ap 13). O uso desse nome pelos fariseus tem um objetivo: “A opinião dos fariseus tem um valor político-religioso muito grande, pois eles é que se julgavam os que sabiam discernir o certo do errado, o bom do ruim. Os fariseus se outorgavam o direito de decidir pela opinião do povo, impedindo que o povo solidificasse sua admiração” (MAZZAROLO, 2005, p. 190). Os fariseus recorrem à injúria, na tentativa de desacreditar Jesus diante da multidão. Provavelmente essa fala era corrente no período pós-70 EC, quando o embate entre cristãos e fariseus se tornou acirrado, conforme visto no contexto histórico-social.

4.2 Se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, então chegou sobre vós o reino de Deus.

Jesus contra-argumenta apontando para a fonte de seu poder: o Espírito Santo. O Evangelho é organizado de forma a deixar isso muito claro: ao ser batizado Jesus recebeu o Espírito e poder para curar “toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo” (Mt 4,23c). A notícia era bastante promissora: “sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe então todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curou.” (4,24). O verbo curou [εθεραπευσεν] também usado em Mt 12,22c, demonstra que a concepção da ação dos demônios é como uma enfermidade na vida das pessoas.

De acordo com a pesquisa de Gerd Theissen e Annette Merz (2004, p.316), nos relatos de exorcismo há um esquema próprio: 1º: apresentação de um indivíduo possuído pelo demônio; 2º: luta entre o demônio e aquele que vai expulsá-lo. Casos similares narrados por Flávio Josefo mostram como os exorcistas do tempo de Jesus utilizavam fórmulas conjuratórias. Jesus não utilizava nada disso: apenas ordenava ao espírito que saísse das pessoas. Posteriormente, os apóstolos seguiram o mesmo princípio, acrescentando apenas “em nome de Jesus”, conforme se pode ver em Atos 16,18. 3º: em alguns casos, a saída dos demônios leva consigo uma carga de destruição, como na morte da vara de porcos em Mc 5,1ss.

A ação de Jesus como terapeuta se dá num contexto de doenças como sinal da condição de miséria das pessoas, de uma opressão social que as leva a um estado de falta de autoestima e até falta de fé. Jesus restabelece o princípio da fé, e com ela a esperança de mudança. Daí a cura, que também é sinal de que o reino de Deus está chegando, e com ele a nova realidade onde doenças, enfermidades e opressão maligna serão completamente superados. Por sua vez, Satanás é mostrado sem forças para combater Jesus, pois já está derrotado. Jeremias afirma que “Jesus operou curas que causaram admiração aos seus contemporâneos” (JEREMIAS, 2003, 154s). Essa admiração teria se fixado na memória de tal maneira que deu origem aos relatos que colocam em xeque a própria autoridade dele.

Para Mateus, essa demonstração de poder é um sinal de que o reino de Deus é chegado, o que coloca no horizonte uma poderosa escatologia realizada, ou, em outra perspectiva, uma dimensão apocalíptica central na forma da comunidade mateana entender o mundo. Nesta posição, o embate faz parte do confronto entre forças primordiais, em paralelo com a realidade em que vivemos, a partir de crenças desenvolvidas no período persa e registradas em textos como 1 Enoque (TERRA, 2012, p.44-50). Essa luta é indicada na metáfora do valente, ou homem forte.

4.3 Como pode alguém entrar na casa do homem forte, e roubar os seus bens, se primeiro não o amarrar?

O argumento de Jesus se vale também de uma parábola que mostra Satanás derrotado por Jesus: um valente amarrado. A chegada do reino foi suficiente para destruir as obras do diabo. Jesus é o portador desse reino e diante dele não há força que o possa superar. Cada vez que Jesus tira o demônio de uma pessoa ele arromba, invade e domina o reino de Satanás (não o inferno).

Se em muitos lugares o mundo é identificado como pertencente a Satanás (cf. Lc 4,6; Jo 12,31; 14,30; 16,11; 1Jo 5,19; 2Co 4,4), Jesus se manifesta para retomar esse domínio para Deus. Essa abordagem tem um forte apelo beligerante, que contrasta com a imagem de uma mensagem de amor e esperança que o Evangelho tem em sua essência. No entanto, é exatamente por amor que Jesus realiza essa tarefa; amor pelas pessoas aprisionadas, dando-lhes esperança para uma vida melhor. Por isso mesmo, o lugar de primazia para a libertação é a mente, o interior do ser humano, já que é ali que o reino se manifesta prioritariamente, segundo indicação em Lucas 17,20-21.

Por isso há nessa passagem uma separação, uma exclusão: quem não age segundo Jesus está contra ele. Agir não quer dizer ser do grupo, necessariamente (cf. Mc 9,38-41), mas trabalhar na mesma direção de curar e dar esperança. O verbo juntar [συνάγω] indica uma postura de acolhida, de aceitação, que recebe as pessoas e as pastoreia, cuida delas, enquanto o verbo espalhar [σκορπίζει] indica o ato de picar, cortar, dividir, separar. Segundo o dito de Jesus, quem ajunta trabalha com ele, quem espalha, contra.

O valente está “amarrado”, ou seja, não tem capacidade de resistir ao avanço do reino e à obra redentora de Jesus. A morte e ressurreição do Senhor tornou essa realidade ainda mais presente, com dimensões cósmicas (Cl 2,15; 1Jo 3,8). A descrição do NT para esse processo coloca em dimensão escatológica a destruição final de Satanás e seus anjos, mas não como resultado de uma ação futura de Deus, e sim como ação punitiva de um julgamento já realizado e cuja destruição já se concatenou na cruz. A cruz tem valor escatológico. Nessa escatologia há um juízo referente ao Espírito Santo.

4.4 Todo o pecado e blasfêmia se perdoará às pessoas; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada

A questão da blasfêmia é talvez a mais problemática do texto. Os fariseus tinham blasfemado contra Jesus, e em última análise, contra Deus. Mas seriam perdoados. No entanto contra o Espírito Santo não há perdão. O que isso significa?

A blasfêmia é o ato de falar ou se colocar contra Deus. Jesus afirma que “todo pecado e blasfêmia serão perdoados” (v. 31a), apontando para o propósito primeiramente salvífico de Deus e sua bondade para com as pessoas. Mas há uma exceção: não há perdão para quem blasfema contra o Espírito. Por quê? “O Espírito é o poder agindo em Jesus que realiza seu trabalho libertador de salvar do pecado e estabelecer o império de Deus” (CARTER, 2003, p. 354). Blasfemar contra o Espírito é “recusar reconhecer o trabalho libertador, escatológico, de Deus, a caminho em Jesus. Não consiste em dúvida, uma palavra mal falada, ou pecado desconhecido ou inconsciente, mas de uma recusa contínua em reconhecer que as obras de Jesus, impulsionadas pelo Espírito, ratificam a meta escatológica de Deus.” (CARTER, 2003, p. 354).

É a segunda vez que Jesus cita o Espírito Santo. Para a comunidade mateana, certamente a presença e força do Espírito era notável e fundamental, mas necessitava ser interligada com Cristo. Temos aqui uma situação bastante curiosa: certamente eles não tinham ainda em mente a trindade, porém percebem o agir do Pai, do Filho e do Espírito Santo. É possível que o texto esteja indicando uma postura de desprezo pela ação do Espírito Santo, em comparação com as pessoas de Jesus e de Deus. Sendo este trecho presente apenas em Mt e Lc, podemos afirmar que ele não representa uma situação comum a todas as comunidades, mas algumas

que enfrentavam o mesmo dilema. Não há ação de Jesus sem a ação do Espírito; é a lição que o texto quer deixar por fim.

5 Análise pragmático-social

Um último aspecto deve ser considerado em nossa análise: pensando no mundo atual, é possível afirmar que Jesus fazia exorcismos, que demônios agiam sobre as pessoas, que havia de fato tal combate espiritual? Como interpretar esse fenômeno à luz da ciência contemporânea, em seus avanços no campo da psicologia, da neurociência, da sociologia e antropologia?

Gerhard Lohfink inicia a reflexão sobre o tema da seguinte maneira:

Nos pesquisadores atuais da Bíblia é muito comum encontrarmos a observação de que já não podemos aceitar a fé nos demônios própria daquela época. À primeira vista, isso é correto – e, no entanto, também fundamentalmente falso. É claro que hoje temos de nos perguntar o que está por trás dos fenômenos de possessão – visto a partir do ponto de vista medicinal, psicológico e sociológico. E não temos nenhum constrangimento em considerar os exorcismos como uma espécie de “psicoterapia” pré-científica (que às vezes dá certo) (LOHFINK, 2015, p. 192).

Partindo dessa premissa, não nos cabe aqui falar em “textos fantasiosos” ou meramente mitológicos, como queria Bultmann, mas entender que, para o mundo no qual aquelas pessoas viviam, o exorcismo era a terapia mais adequada em muitas situações-limite que as pessoas vivenciavam. Em sua análise de Marcos 3,20-30, texto paralelo ao de Mateus, Irineu J. Rabuske (2001) entende que é preciso ler esse texto a partir de uma interpretação sociopolítica, não prescindindo da contribuição de outras interpretações.³ A interpretação sócio-política tem como parâmetro o fato de que diversas patologias vivenciadas pelos indivíduos são fruto da pressão (e opressão) exercida por um governo totalitário (aspecto político), em que as condições de vida (aspectos sociais) são extremamente severas e difíceis para a maioria da população, especialmente os das camadas mais baixas (RABUSKE, 2001, p. 63-64). No caso dos evangelhos, é bom lembrar que a maioria das pessoas possesas ou com grave enfermidade são camponesas, pobres ao extremo, ou até que vivem na mendicância, sem alimentação adequada. John Dominic Crossan aponta estudos arqueológicos que mostram, por exemplo, que os camponeses da Galileia viviam com poucos recursos nutricionais:

Inúmeros restos de esqueletos mostram deficiência de proteínas e de ferro, e a maioria deles indica que muitas pessoas sofriam de artrite. Morria-se facilmente por causa de resfriados, gripes e abscessos dentários. A média de expectativa de vida do que tinham sorte de sobreviver à infância andava por volta dos trinta anos e eram raros os que viviam até cinquenta ou sessenta (CROSSAN, REED, 2007, p. 65).

De certo modo, isso indica que, do ponto de vista sociopolítico, a resistência dos adversários de Jesus, no caso do relato de Mateus, os fariseus, era não só desproposita,

³ Dentre as interpretações apontadas pelo autor temos a interpretação patológica racionalista do séc. XIX, indicando quadros clínicos graves; a contribuição da parapsicologia, buscando interpretação animista e mediúnica da questão; as análises da antropologia cultural e da ciência da religião (RABUSKE, 2001, p. 28-33). Para Rabuske, o principal problema dessas interpretações é o caráter individualista delas, pois “reduzem o problema da possessão e do exorcismo à esfera do indivíduo” (2001, p. 34).

mas desumana, posto que não se interessavam pelas pessoas que eram libertas e curadas por Jesus, mas apenas queriam impedir o agir dele, sem apresentar uma solução em resposta. Isso é reforçado no questionamento de Jesus curar aos sábados, conforme registrado em Mc 3.1-6 e paralelos. Neste sentido, o registro desta narrativa é uma denúncia contra aqueles que estavam mais preocupados com a forma do que com a essência, com o ritualismo do que com a espiritualidade, com o poder do que com o serviço. Mateus aponta para uma consciência que esteja acima das discussões de rótulo e poder, indicando para a comunidade posturas de serviço pelo bem do povo, que sofria diariamente as pressões de uma sociedade impiedosa e de um sistema brutal.

Assim sendo, essas doenças eram reais ou imaginárias? Como entender a ação dos demônios, espiritual ou de outra maneira? Conforme visto na análise de Rabuske, muito se afirmou a respeito do assunto. Ainda assim, ficam questões para nós, sendo a mais premente esta: Jesus teria tirado demônios das pessoas? Tudo indica que sim, caso contrário não haveria tanta ênfase nesse elemento em particular. Porém, deve-se pensar alguns aspectos: muitas doenças associadas a demônios são reconhecidas hoje como desordens mentais ou psíquicas que tornam uma pessoa incapaz de se controlar (por exemplo, a esquizofrenia e a epilepsia) e são descritas como influência de demônios por causa da limitação dos autores em descrever o fato, como se pode ver no relato de Mc 9,14-27. De qualquer maneira há um processo terapêutico nesses casos, e as pessoas são recolocadas em suas vidas e famílias.

Quanto à ação dos demônios, se considerarmos uma perspectiva sócio-política, teremos uma opressão social do império romano de tal forma que as pessoas se sentiam acuadas e assustadas. O processo poderia disparar diversos sintomas, inclusive transtornos psíquicos, como forma de lidar com a realidade, simplesmente experimentando “ausências”. Note-se que em geral eram pessoas comuns, pobres, em situação de dívida, que ficavam doentes ou endemoninhadas. Quando Jesus se apresentou diante das autoridades, mesmo sendo estas dirigidas pela maldade em suas atitudes, nenhuma delas ficou possessa, pelo contrário, mantiveram sua consciência e lucidez para atos cruéis e desprezíveis.

Concluindo, deve-se perceber o contexto das pessoas, para diferenciar aspectos espirituais de aspectos sociais, psíquicos ou emocionais.

Conclusão: *Em nome de quem?*

O estudo da perícopes de Mt 12,22-32 aponta para a forma como a comunidade de Mateus, dentro do contexto das comunidades cristãs iniciais, interpretou e trabalhou com acusações a Jesus que também eram feitas a elas. A principal delas, sem dúvida, a dele fazer as curas e exorcismos no poder de Belzebu e não de Deus. A perícopes de Mateus, nos manuscritos mais antigos, não consta o nome de Jesus. O mesmo se dá com Marcos e Lucas. Essa omissão pode ter relação com a reverência a Jesus, posto que tal acusação certamente seria muito pesada para os ouvintes da comunidade. Ao mesmo tempo, pode indicar que a comunidade se identificava como aquela que era acusada desse modo, pois mantinha práticas próximas a Jesus.

Por outro lado, o estudo pôde nos mostrar como interpretar o exorcismo, ou ainda, a forma como os demônios e doenças causadas por eles podem ser entendidas hoje. Superando uma leitura cética e racionalista, mas percebendo processos mais complexos que envolviam a psiquê individual e coletiva, pode-se afirmar que a ação de Jesus, em nível histórico, tinha efeito contra males que atingiam pessoas simples e necessitadas.

A compreensão dessa passagem nos ajuda a perceber várias questões a respeito de nossa vocação e responsabilidade. A ação de libertar as pessoas, de ajudá-las e dar a elas esperança de vida não pode ser realizada a não ser em consenso com a orientação do próprio Jesus. Segundo suas palavras, caso o demônio começasse a curar, ele destruiria seu próprio império. O ato de curar é exclusivo de Jesus e da ação do Espírito Santo, e o diabo não vai realizar isso, simplesmente porque não cabe em seu propósito de “matar, roubar e destruir” (Jo 10,10b). Isso deve nos indicar, por inferência, que o gesto de curar, libertar e auxiliar espiritualmente as pessoas não está atrelada a uma religião, mas a um sentido mais profundo de conexão com o Cristo e seu Espírito de amor.

Comunidades, grupos e até pessoas que ajudam as outras, que agem com misericórdia e de forma humanitária estão realizando a vontade de Deus, e manifestando o reino de Deus no mundo, sejam elas declaradamente cristãs ou não. O ato de juntar não deve ser entendido apenas no sentido de colocar mais pessoas dentro da Igreja, mas uma ação mais ampla, que envolve a ajuda (conf. o samaritano da parábola de Lc 10,25-37) e esse vai ser o critério do juízo escatológico de Jesus (como vemos no grande julgamento de Mateus 25).

Há uma tendência a considerar o outro o demônio, sempre que ele nos contraria ou ameaça. Alguém já disse: “o ódio é filho do medo”. Ao demonizar alguém estamos muitas vezes julgando, quando o critério de Jesus são os frutos, não a aparente religiosidade. Realizar a vontade de Deus “em nome de Jesus” nem sempre quer dizer que o nome dele será declarado, mas que se agirá segundo seu propósito de curar e salvar, e de anunciar o reino de Deus entre as pessoas, sempre num amplo sentido de atuar na sociedade.

A sociedade está doente, por isso o reforço em polarizações e divisões em nada ajuda, pois ela necessita neste momento de um movimento de acolhida e apoio. O papel de quem quer agir “em nome de Jesus” deve estar marcado pelo “mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus” (Fp 2,5). Ter o mesmo sentimento [φρονεῖτε] significa ter a mesma consciência, mentalidade, pensar da mesma maneira. Jesus procurou chamar discípulos/as que compartam com ele do mesmo agir, de amor e misericórdia com as pessoas, levando cura, acolhida e pastoreio a elas. Fazendo isso ainda hoje estaremos dominando o reino do valente, pois nossa “luta não é contra o sangue e a carne” (Ef 5,12a).

Referências

- BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.
- BYRSKOG, Samuel. A New Quest for the *Sitz im Leben*: social memory, the Jesus tradition and the gospel of Matthew. *New Testament Studies*, Cambridge, v. 52, n. 3, p. 319-336, July 2006. <https://doi.org/10.1017/S0028688506000178>
- CARNEIRO, Marcelo. *Os Evangelhos Sinóticos: origens, memória e identidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.
- CARNEIRO, Marcelo. Jesus e os fariseus: apontamentos sobre conflitos no cristianismo primitivo a partir do Evangelho de Mateus. Tolerância e intolerância religiosa. *Estudo Bíblico*, Petrópolis, v. 28, n. 109, p. 53-60, jan./mar. 2011.
- CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2003.
- CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- GARCIA, Paulo Roberto. *Sábado: a mensagem de Mateus e a contribuição judaica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

- JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*. Ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2003.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: 1. História, cultura e religião do período helenístico*. São Paulo: Paulus, 2005.
- LOHFINK, Gerhard. *Jesus de Nazaré. O que Ele queria? Quem Ele era?* Petrópolis: Vozes, 2015.
- MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *O Evangelho de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de São Mateus*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2005.
- NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. rev. Münster: Deutsche Bibel Gesselschaft, 2012. Edição com introdução em português pela Sociedade Bíblica do Brasil.
- NEUSNER, Jacob. *Formative Judaism: history, hermeneutics, law, and religion*. Binghamton: Global Academic Publishing Books, 2000.
- OVERMAN, Andrew. *O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- RABUSKE, Irineu J. *Jesus exorcista: estudo exegético e hermenêutico de Mc 3,20-30*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- RIENECKER, Fritz. *Evangelho de Mateus: comentário esperança*. Curitiba: Esperança, 1998.
- RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.
- SALDARINI, Anthony. *A comunidade judaico-cristã de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- TERRA, Kenner. *Os anjos que caíram do céu: o livro de enoque e o demoníaco no mundo judaico-cristão*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- VERMES, Geza. *O autêntico Evangelho de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 7. ed. rev. e ampl. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

Recebido em: 03/01/2019

Aprovado em: 27/02/2019

Marcelo da Silva Carneiro
Rua Felipe Sabagg, 47 - apto. 2
09400-130 – Ribeirão Pires, SP, Brasil